

DOSSIÊ

CONTEXTUALIZAÇÃO DE REPORTAGENS HIPERMÍDIA: narrativa e imersão

Copyright © 2015
SBPjor / Associação
Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo

JOÃO CANAVILHAS

Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal

ALCIANE BACCIN

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul,
Brasil*

RESUMO - O jornalismo para dispositivos móveis, e em especial as reportagens hipermídia, ganham novas possibilidades de narrativas impulsionadas pela mobilidade, uso de telas *touchscreen*, acelerômetro, receptor de GPS e ligação permanente à rede. Graças a estas potencialidades, os tablets, smartphones e wearables reconfiguraram os processos e as narrativas webjornalísticas. Partindo dessa premissa, o artigo foca o estudo na reportagem hipermídia para dispositivos móveis, tendo como objetivo observar a forma como os recursos hipertextuais são usados na contextualização das narrativas jornalísticas destinadas a dispositivos móveis (tablets e smartphones). Para se alcançar o objetivo foi realizada uma análise sistemática das edições do jornal *Globo A Mais* durante dois meses, selecionando um caso exemplificador da forma como os recursos hipertextuais podem servir à contextualização.

Palavras-chave: Narrativa hipermídia. Contextualização. Reportagem. Imersão. Dispositivos móveis.

CONTEXTUALIZACIÓN DE LAS REPORTAJES HIPERMEDIA: narrativa y la inmersión

RESUMEN - El periodismo encaminado a los dispositivos móviles y, en particular, los reportajes hipermedia, adquieren nuevas posibilidades narrativas impulsadas por la movilidad del uso de pantallas *touchscreen*, acelerómetros, receptores de GPS y conexiones de red permanente. Gracias a estas capacidades, tanto en las tabletas como en los smartphones y los wearables se reconfiguran los procesos y narrativas webperiodísticas. A partir de esta premisa, el artículo que aquí se presenta está centrado en el estudio del reportaje hipermedia en los dispositivos móviles, siendo su objetivo el de observar cómo se utilizan los recursos hipertextuales en la contextualización de las narrativas periodísticas destinadas a estos dispositivos (*tabletas y smartphones*). Para lograr este objetivo se ha realizado un análisis sistemático de las ediciones oficiales del periódico *Globo A Mais* durante dos meses, seleccionando para ello un caso que ejemplifica la forma en que los recursos hipertextuales pueden servir a dicha contextualización.

Palabras clave: Narrativa hipermedia. Contextualización. Reportaje. Inmersión. Dispositivos móviles.

CONTEXTUALIZATION IN HYPERMEDIA NEWS REPORT: narrative and immersion

ABSTRACT - The mobile journalism and, particularly, hypermedia stories get new possibilities for making narratives, boosted by the mobility itself, and also by the use of touchable screens, accelerometer, GPS receiver and permanent connection to the internet. Due to these potentials, tablets, smartphones and wearables reconfigure processes and journalistic narratives for the web. From this premise, the article focuses the research in hypermedia storytelling for mobile devices, aiming to observe how the hypertext resources are used in the contextualization of journalistic narratives published at mobile devices (tablets and smartphones). To achieve this aim, we realized a systematic analysis from newspaper editions of *Globo A Mais* journal for two months. This was done by selecting a case exemplifying the way the hypertext features can serve the contextualization.

Keywords: Narrative hypermedia. Contextualization. Story. Immersion. Mobile devices.

INTRODUÇÃO

O jornalismo começou a usar a Internet antes mesmo do surgimento da *Web*, recorrendo, por exemplo, a serviços como o correio eletrônico ou o FTP (File Transfer Protocol), protocolo que permite a transferência rápida de arquivos. Com o desenvolvimento da *Web*, o webjornalismo iniciou um processo evolutivo muito ligado aos avanços tecnológicos da *Web*, acabando por estabilizar um conjunto, ainda não definitivo, de características próprias. Por isso, o jornalismo que se faz na *Web* está em permanente evolução, sendo a notícia, enquanto principal produto do jornalismo, “ao mesmo tempo mutável (oscilante, sujeita a mutações) e mutante (sempre em mudança)” (JORGE, 2013, p. 11).

Ao longo de quase 30 anos, o webjornalismo¹ passou por várias fases (CABRERA GONZALEZ, 2000; PAVLIK, 2001; PRYOR, 2002; PALACIOS, 2004; MIELNICZUK, 2003; BARBOSA, 2004, 2007, 2008, 2013) e desenvolveu suas próprias características (PALACIOS, 2004; SALAVERRÍA, 2005; CANAVILHAS, 2007, 2010, 2014; PALACIOS e CUNHA, 2012).

As tecnologias e as demandas sociais impulsionaram movimentos de mudança que podem ser percebidos em todo o processo webjornalístico, desde a apuração das pautas jornalísticas até a distribuição dos produtos midiáticos (CANAVILHAS, 2007). O jornalismo desenvolveu diferentes maneiras de utilizar o meio, porém ainda hoje é possível encontrar o chamado *shovelware*, isto é, meras transposições para a Internet de conteúdos do impresso, da rádio ou da TV, situação comum nas primeiras gerações do webjornalismo (MIELNICZUK, 2003). Porém, limitar-se a (re)transmitir na Internet um noticiário de rádio ou de televisão, por mais útil que isso seja, é utilizar a *Web* apenas como suporte de difusão alternativo, desvalorizando a multiplicidade de características e de possibilidades expressivas e comunicativas da rede mundial (ZAMITH, 2013). “A Internet não só abarca todas as capacidades dos velhos media (...) como oferece um largo espectro de novas capacidades, incluindo a interatividade, acesso *on-demand*, controle por parte do utilizador e personalização” (PAVLIK, 2005, p. 3).

Ao longo dos anos, os estudos acompanharam o desenvolvimento da *Web*, sendo possível a identificação das quarta (BARBOSA, 2008) e quinta (BARBOSA, 2013) gerações do webjornalismo que seriam, respectivamente, o jornalismo de base de dados (servem apenas de sustentação para as práticas jornalísticas, desde a pré-produção até a pós-produção) e o paradigma do

jornalismo de base de dados (reúne características de medialidade, horizontalidade, *continuum* multimídia, mídias móveis, aplicativos e produtos autóctones).

A emergência dessas mídias móveis aumentou significativamente nos últimos anos, o que levou ao consumo de conteúdos jornalísticos numa maior diversidade de dispositivos, como *smartphones e tablets*, que entraram no ecossistema midiático, transformando-o (CANAVILHAS, 2012). Além da mobilidade, os conteúdos jornalísticos ganharam novas possibilidades como resultado destes novos dispositivos estarem equipados com telas *touchscreen*, acelerômetro, receptor de GPS e ligação permanente a rede. Graças a estas características técnicas, os *tablets, smartphones e wearables* reconfiguraram os processos e as narrativas webjornalísticas. Para Barbosa, “o cenário atual é de atuação conjunta, integrada, entre os meios, conformando processos e produtos” (2013, p.33), por isso a sistematização em gerações não se refere a processos datados e estanques porque elas coexistem e as dinâmicas convivem simultaneamente num mesmo site jornalístico, portal ou aplicativo de notícias.

Desde a metade dos anos 1990, as pesquisas procuraram estudar os elementos que caracterizam o webjornalismo enquanto espaço de produção discursiva. Inicialmente, a hipertextualidade, a interatividade e a multimídia foram identificadas como as grandes novidades da prática discursiva no ambiente digital (MACHADO; PALACIOS, 1996). Com a consolidação do webjornalismo, outras características destacaram-se, chegando-se a sete elementos que o definem: hipertextualidade, multimídia, interatividade, memória, instantaneidade, personalização e ubiquidade (CANAVILHAS, 2014).

Segundo Palacios (2004), as características não representam rupturas com as produções discursivas anteriores ao ambiente digital, são continuidades de características presentes em mídias anteriores que se potencializam. Por isso pode-se dizer que o webjornalismo continua mergulhado num processo de reconfiguração que necessita ser pensado a partir da complexidade da sociedade e das possibilidades que o meio oferece para a construção de histórias.

Partindo desse pressuposto, o presente artigo foca o estudo na reportagem hipermídia para dispositivos móveis, tendo como objetivo demonstrar como os recursos hipertextuais colaboram na contextualização dessas narrativas jornalísticas nos dispositivos móveis (*tablets e smartphones*). Para isso, durante dois meses foi realizada uma análise sistemática das edições do jornal vespertino

*Globo A Mais*², selecionando para este trabalho uma reportagem exemplificadora da forma como os recursos hipertextuais podem servir a contextualização. Embora existam outros exemplos de contextualização, a seleção levou em conta a reportagem que melhor utiliza as características de hipermídia, incluindo recursos dinâmicos e de interação. A reportagem “Arte Abstrata – Kandinsky Multimídia”, de 27 de janeiro, transformou-se, assim, no objeto de estudo.

1 A REPORTAGEM HIPERMÍDIA

Ao usar as características do webjornalismo, a reportagem adquire caráter de hipermídia, pois faz uso das várias modalidades comunicativas (Pavlik, 2005) do meio agregando informações que complementam a compreensão do conteúdo, ou seja, que contextualizam a informação. Por modalidades comunicativas se entendem todos os recursos utilizados para facilitar e ampliar a compreensão dos acontecimentos relatados nas reportagens, que podem ser texto escrito, áudio, vídeo, fotografias, animações ou infográficos.

As estruturas hipertextuais e multimidiáticas, em conjunto com a memória e a personalização, desafiam os jornalistas a experimentarem diferentes formas para contar histórias no webjornalismo. “A hipermídia atua para a criação de narrativas nas quais o acompanhamento de informações adicionais ao texto significa, por si só, é um elemento fundamental da informação online” (LONGHI, 2009, p.192). Unindo as características do webjornalismo antes referidas na construção de narrativas contextualizadas, o jornalista tem novas formas de produzir, publicar e relacionar-se com o leitor, tendo em vista a demanda por conteúdos hipermultimidiáticos.

É importante lembrar que a multimídia, muito em voga no webjornalismo, é anterior ao contexto de meios digitais, pois basta que coincidam dois tipos de linguagens em uma mesma mensagem para que esta seja multimídia. Diferente do conceito de hipermídia, que está essencialmente ligado ao contexto *web*, pois “se entende como a linguagem que conjuga, além de textos verbais, sons e imagens, em um único ambiente de informação, com a possibilidade de conexão interativa entre suas partes” (LONGHI, 2014, p. 11).

A reportagem no webjornalismo tem a possibilidade de utilizar, de modo inovador, os recursos do meio para narrar os acontecimentos. Convergência de linguagens, interatividade, imersão e engajamento

com o leitor são potencialidades que permitem uma hibridação de linguagens proporcionada pelo ambiente digital e hipermediático. De acordo com Larrondo Ureta, a reportagem hipermédia “demonstra recursos variáveis, mas também outros constantes que indicam que estamos diante de um gênero hipertextual de grande riqueza narrativa, um gênero multimidiático de riqueza expressiva e um gênero polimórfico de grande riqueza estilística” (2009, p. 78-79).

A reportagem é um dos principais campos de experimentação que o jornalismo possui, permanecendo como uma modalidade expressiva central para a informação diferenciada, profunda e aberta.

1.1 A MOBILIDADE

Os chamados dispositivos móveis, nomeadamente os *smartphones* e os *tablets*, são artefatos digitais dotados de conectividade ubíqua e concebidos para a portabilidade cotidiana. Enquanto plataformas de consumo de notícias, esses dispositivos possuem uma gramática própria, práticas de produção adaptadas, dinâmicas de consumo individual e modelos de negócio específicos (BARBOSA; SEIXAS, 2013). Contudo, *smartphones* e *tablets* têm diferenças referentes ao tamanho de tela, peso e velocidade de conexão, as quais podem influenciar nas técnicas de redação, construção de narrativas, formatos discursivos. A portabilidade e as dimensões da tela dos *tablets* o tornam “um ambiente híbrido propício para a emergência de modelos informativos de fusão entre estas duas realidades” (CANAVILHAS; SATUF, 2013, p. 40).

Os *tablets* são considerados por Paulino uma mídia “imersiva e interativa” (2013, p.17). Além dos recursos herdados das mídias impressa e online, a autora aponta outras características próprias dos *tablets*, que influenciam na forma de apresentação e de interação com o conteúdo. São elas a orientação dupla (permite que a visualização ocorra de forma horizontal e vertical) e o toque na tela (*touchscreen*) (PAULINO, 2013).

Com os *tablets*, o jornalismo ganha um novo suporte que carrega referências do jornal e da revista, mas tem igualmente marcas da convergência de mídias, remetendo nesse caso para a rádio ou a televisão. Apesar de ser um meio digital com possibilidade de conexão ubíqua, o consumo de conteúdos não exige conexão permanente, sendo possível baixá-los e consumi-los

depois, independentemente de haver conexão ou não. Somando a taticidade à interatividade dos conteúdos, a imersão (MIELNICZUK *et al.*, 2014) surge como um elemento recente a ser computado nos formatos de narração no jornalismo em tempos de dispositivos móveis, especialmente nos *tablets*. Esta imersão, uma evolução do envolvimento dos leitores que Pavlik (2005) enuncia como uma das condições essenciais à contextualização no jornalismo, é igualmente importante nos *smartphones*, sobretudo nos *tablets* por serem dispositivos de utilização individual que acompanham diariamente o consumidor e têm uma tela com boas dimensões para uma interação sem problemas (5 a 6,9 polegadas).

1.2 A NARRATIVA HIPERTEXTUAL NA REPORTAGEM HIPERMÍDIA

Nos anos 1960, Theodor Nelson definiu “hipertexto” como uma escritura não sequencial, com blocos de textos conectados por nexos que formam diferentes itinerários (várias opções de leitura que permite ao leitor efetuar uma escolha). Boa parte dos autores que trabalha com os meios digitais adota a definição que George Landow, que define hipertexto como:

[...] um texto composto de fragmentos de texto – o que Barthes denomina *lexias* – e os nexos eletrônicos que os conectam entre si. [...] Os nexos eletrônicos unem *lexias* tanto ‘externas’ a uma obra, por exemplo, um comentário feito por outro autor, ou textos paralelos ou comparativos, como ‘internos’, e assim criam um texto que o leitor experimenta como não linear ou, melhor dizendo, como multilinear ou multisequencial.³ (LANDOW, 1995, p. 15-16)

A potencialidade de múltiplas sequências textuais, proporcionada pelos nexos eletrônicos, possibilita a hipertextualidade (CANAVILHAS, 2014). Ao destacar as características do hipertexto e as alterações que provoca em relação à ideia de texto, Landow (1997) mostra que a escrita hipertextual enfatiza as hiperligações entre os blocos informativos, construindo a intertextualidade do conteúdo. A possibilidade desse entrelaçamento dos blocos informativos, por meio das hiperligações, leva à hipertextualidade.

A ser assim, a narrativa hipertextual se configura como uma “estrutura inacabada e composta de múltiplas *lexias* que multiplicam as ocasiões de produção de sentido e introduz elementos de ruptura na unidade textual estabelecida pelo autor” (LARRONDO URETA, 2009,

p. 71). A teoria do hipertexto (LANDOW, 1997) aborda a necessidade de as narrativas abandonarem conceitos como centro, hierarquia e linearidade, para adotarem os de multilinearidade, nós, nexos e redes. Essa narração não sequencial é utilizada no webjornalismo porque facilita a relação dos fatos que estão sendo narrados com as informações anteriores (memória).

A hipertextualidade e a multimídia na reportagem webjornalística permitem incrementar o caráter documental do gênero e valorizar os elementos que dão sentido ao discurso com base em dois princípios básicos: a coerência informativa e a densidade informacional. Assim, o hipertexto e as modalidades comunicativas enriquecem as funções do gênero, ampliando seus usos para informar sobre temas e/ou eventos complexos, e fortalecem os discursos jornalísticos de aprofundamento da informação, ampliação e contextualização dos fatos narrados. A hipertextualidade pode proporcionar ainda o enriquecimento da experiência do leitor com o conteúdo por meio da construção de diferentes percursos de leitura e exploração dos recursos hipertextuais (personalização).

1.3 A CONTEXTUALIZAÇÃO NA NARRATIVA HIPERTEXTUAL

Contextualizar na mídia tradicional foi sempre uma tarefa difícil. A contextualização pode ser realizada de duas formas: diacrônica, quando o jornalista recorre aos acontecimentos anteriores relacionados com o fato; sincrônica, quando explica o ambiente (social, geográfico etc) em que o fato ocorreu. Num e noutro caso, a contextualização requer a inclusão de mais informações na notícia.

Ao incluir essa informação, o jornalista é obrigado a “gastar” espaço (imprensa) ou tempo (rádio e televisão), impedindo assim outras notícias de entrar no jornal/radiojornal/telejornal. Zelizer (2008) destaca que os jornalistas são “agentes de memória” e que o jornalismo não pode funcionar sem contexto, mas a necessidade de oferecer informação variada e as limitações espaciotemporais, anteriormente referidas, são variáveis igualmente importantes nessa disputa entre contexto e espaço/tempo. A expansão proporcionada pela *Web* acabou com essa contenda e fez confluir em um único espaço, não só todos os meios existentes, como um público cada vez mais ativo no processo informativo. A *Web* oferece assim mais possibilidades de contextualização e, dessa forma, reforça a natureza

desta atividade, porque não há jornalismo sem contextualização (ZAMITH, 2008).

Para Pavlik (2005), as possibilidades de contextualização podem ser observadas por meio de cinco aspectos: a ampliação das modalidades de comunicação (texto, áudio, vídeo, fotos, gráficos, animação); a hipermídia (que permite situar a notícia em contexto histórico, político e cultural muito mais rico); a participação cada vez maior dos leitores, que necessitam estar interagindo com a máquina – “uma das maneiras de aumentar a participação é o relato imersivo⁴” – (PAVLIK, 2005, p.48); os conteúdos mais dinâmicos (conteúdos informativos mais fluidos) e a personalização da informação (cada leitor pode filtrar a informação que quiser e também pode ampliar as informações que a reportagem lhe oferece).

Nessa proposta de Pavlik fica claro que a hipertextualidade, a multimedialidade, a interatividade, a personalização e a memória são essenciais no processo de contextualização na Web. Em maior ou menor grau, os conteúdos devem permitir ao leitor uma imersão nos conteúdos, recorrendo aos potenciais da *Web* e dos dispositivos de recepção.

2 ESTUDO DO CASO: “ARTE ABSTRATA – KANDINSKY MULTIMÍDIA”

2.1 OBJETIVOS E HIPÓTESES

O principal objetivo desse artigo é demonstrar que os recursos hipertextuais têm um forte potencial na contextualização das narrativas jornalísticas para dispositivos móveis. Para alcançar tal objetivo optou-se por uma abordagem qualitativa – o estudo de caso – um tipo de investigação que exige observação, análise e interpretação de casos ou fenômenos. As variáveis analisadas são a tipologia de modalidades comunicativas e os recursos hipertextuais usados para contextualizar a informação. Combinados com a interação do leitor, estes recursos proporcionam uma experiência narrativa de hipermidialidade.

O objeto de estudo foram as edições do jornal *Globo A Mais* de dezembro de 2014 e janeiro de 2015, tendo sido escolhida uma reportagem (“Arte Abstrata – Kandinsky Multimídia”) por ser a que melhor utiliza o hipermídia, a que mais intensamente explora a interação do leitor com as informações e a que apresenta conteúdos dinâmicos e mais imersivos. O trabalho foi capa da edição do dia 27 de janeiro de 2015.

2.2 ESTUDO

O trabalho, que aborda a vida e obra do pintor russo Wassily Kandinsky, proporciona ao leitor um tour de 360° pela exposição “Tudo começa num ponto”, que esteve patente no Centro Cultural Banco do Brasil, no Rio de Janeiro. Logo na abertura da reportagem, formas geométricas são sobrepostas à imagem do pintor, convidando o leitor a ir direto à informação indicada: Mostra 360°, Curiosidades, Quiz e Por dentro da obra (como mostram as setas na Figura 1).

Figura 1 Abertura da reportagem



Fonte: Aplicativo *Globo A Mais*

As webreportagens devem aproveitar o hipertexto para dinamizar e contextualizar a informação, ligando o tema com os seus antecedentes (memória), tornando a leitura multilinear num dos vários modelos propostos por vários autores (SALAVERRÍA, 2005; CANAVILHAS, 2007; MARTINEZ; FERREIRA, 2010). A hipertextualidade deve ser vista não apenas como instrumento de segmentação dos conteúdos, mas como possibilidade de entrelaçamento das informações e das modalidades comunicativas e, dessa forma, ampliar a capacidade dos leitores de fazerem leituras cruzadas, multilineares (SALAVERRÍA, 2014). A *Web* deu um forte impulso à imagem enquanto elemento constituinte da narrativa hipermídia. As imagens, principalmente as fotográficas, assumem várias formas como

“panorâmicas de 360°, megafotografias, fotografias de geolocalização com efeitos de navegação especial e de *zoom* de alta definição etc. Essas variantes da fotografia são modalidades que um comunicador pode aproveitar para compor conteúdos multimídia” (SALAVERRÍA, 2014, p. 34).

O vídeo em 360° permite uma experiência de imersão e proporciona, pelo menos, dois dos cinco aspectos apontados por Pavlik (2005) como jornalismo contextualizado, pois dá dinâmica ao conteúdo informativo, tornando-o mais fluido e representativo dos eventos e dos processos da vida real. Para além disso, os recursos imersivos contribuem também para prender a atenção do leitor na narrativa, fornecendo um contexto mais rico do que o oferecido na mídia tradicional (PAVLIK, 2014).

O tour de 360° da reportagem estudada transporta o leitor para a sala da exposição, permitindo-lhe ver a disposição das obras, o seu tamanho e até a colorimetria das obras resultante da iluminação artificial (Figura 2). O leitor é imerso no espaço para o qual é transportado, podendo experienciar a informação e, dessa forma, ter até uma melhor compreensão da mensagem.

Figura 2 Tour 360° pela sala de exposição



Fonte: Aplicativo *Globo A Mais*

A imersão é importante na narrativa digital porque permite transportar o leitor para o espaço representado e apreendê-lo sob vários pontos de vista. Possibilita até ultrapassar alguns bloqueios do mundo físico (RYAN, 2004) desde que o leitor não esteja consciente

da existência do suporte/gerador dos dados, seja ele o computador ou dispositivos móveis.

A reportagem estudada apresenta outros recursos textuais que contextualizam as informações de abertura da reportagem, contribuindo para a compreensão de episódios relevantes da vida de Kandinsky. Para abordar essas informações, o narrador utiliza imagens que funcionam como recursos hipertextuais, pois basta o leitor clicar na imagem para que esta se amplie e abra um quadro com informações sobrepostas à imagem que contextualizam trechos da vida do pintor (Figura 3).

Figura 3 Curiosidades sobre a vida de Kandinsky



Fonte: Aplicativo *Globo A Mais*

Continuando a leitura da reportagem, o leitor pode ter acesso à obra “No branco” de Kandinsky, onde estão dispostos três pontos que podem ser clicados e revelam informações sobre a obra e o trabalho do pintor com as formas abstratas, as cores e as linhas que o caracterizam. Cada ponto agrega informações importantes sobre as obras do pintor (Figura 4).

Figura 4 Por dentro da obra “No Branco”



Fonte: Aplicativo *Globo A Mais*

As modalidades comunicativas (textos escritos e imagens) integradas se convertem em recursos interpretativos de grande valor na narrativa, pois aliados à interatividade e à hipertextualidade, complementam e contextualizam as informações sobre a vida e a obra do pintor, ampliando a narrativa.

Outro recurso interativo que amplia a participação do leitor e o envolvimento deste com a reportagem é o Quiz. Por meio desse recurso, os leitores têm acesso a mais informações que ampliam a contextualização da reportagem (Figura 5).

Figura 5 Quiz – O que você sabe sobre Kandinsky?



Fonte: Aplicativo *Globo A Mais*

A reportagem hipermídia busca conectar os conteúdos, articulá-los e explicá-los, formando uma unidade com sentido, independentemente das opções de leitura do leitor. Os acontecimentos que compõem uma história não se desenrolam de maneira isolada e por isso requerem narrativas contextualizadas, que ligam antecedentes, cruzam perspectivas sobre os fatos, ampliam a compreensão dos acontecimentos, antecipam desdobramentos, sendo possível o acesso à informação ampliada, rigorosa e contrastada. No webjornalismo, os recursos de hipertexto, de interatividade e as modalidades comunicativas têm um importante papel na contextualização das informações, pois possibilitam narrativas hipertextuais mais densas e criativas. A narrativa hipertextual deve incluir as inter-relações necessárias para que o público amplo e heterogêneo, característico da *Web*, possa entender as informações relatadas nas reportagens hipermídia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A narrativa hipertextual, característica da reportagem hipermídia, pode oferecer uma visão multidimensional dos acontecimentos e dos temas abordados, oferecendo ao leitor outras oportunidades para compreender o significado dos fatos relatados. Nessa visão multidimensional, os recursos hipertextuais integram-se no relato da reportagem, proporcionando a contextualização da história. Se combinados com as modalidades comunicativas e a interação do leitor, estes recursos proporcionam ainda uma experiência narrativa de hipermedialidade.

Cada modalidade comunicativa acrescentada na reportagem deve agregar informações que as demais modalidades e recursos não satisfizeram. Caso contrário, ocorre uma sobreposição de informações que desintegra a narrativa tornando-a redundante e menos interessante. Assim como para se efetivar a linguagem multimídia se faz necessário a integração das mídias que compõem a reportagem, para enriquecer a narrativa com informações é importante que as modalidades comunicativas e os recursos hipertextuais estejam integrados entre si.

O webjornalismo nos dispositivos móveis pode oferecer aos leitores informações contextualizadas e bem elaboradas, muito além das “pílulas de notícias” características do jornalismo instantâneo mais habitual. Embora estes dispositivos tenham as características

ideiais para receber o chamado “alerta” (BRADSHAW, 2007), a primeira informação curta sobre o acontecimento, são igualmente um espaço fértil para o webjornalismo contar histórias criativas, inovadoras e envolventes que conquistem o interesse dos leitores ávidos por informações de qualidade.

A reportagem hipermídia, nas suas diversas facetas, é um gênero que permite a construção desses modelos narrativos hipertextuais e pode motivar o leitor a interpretar o que está acontecendo nas sociedades complexas contemporâneas, interagindo com a narrativa e ‘experimentando’ acontecimentos. A imersão é um dos recursos que possibilita a experimentação da informação, podendo facilitar a compreensão dos acontecimentos e um nível diferente de interpretação das histórias.

Na reportagem hipermídia, a integração das modalidades comunicativas e dos recursos hipertextuais e imersivos na narração das histórias podem ampliar as possibilidades de compreensão e interpretação dos fatos sendo, por isso, o gênero adequado para o desenvolvimento dos recursos expressivos que cada meio oferece. Ao ser livre quanto ao seu conteúdo e formato, é o mais capacitado para estimular a experimentação de novas técnicas narrativas nos dispositivos móveis.

NOTAS

- 1 Neste trabalho usaremos sempre esse termo para designar o jornalismo que se faz na *Web* e para a *Web*. Outras denominações usadas por vários autores são Ciberjornalismo, Jornalismo *Online* e Jornalismo em Linha (CANAVILHAS, 2014, p. 3).
- 2 *O Globo* foi o jornal brasileiro pioneiro nas edições vespertinas. No dia 30 de janeiro de 2012 nasceu o *Globo A Mais*, com edição às 18 horas, de segunda a sexta-feira. O vespertino surgiu “em resposta a um estudo encomendado pela InfoGlobo, proprietária do jornal, que constatou que estes dispositivos são usados em três momentos do dia: ‘de manhã, para ter acesso às primeiras informações em casa, à tarde, depois do almoço, só que de maneira menos intensa, e à noite, quando as pessoas começam a chegar em casa ou estão na rua e buscam informações de lazer’, refere Thiago Bispo, gerente comercial digital” (CANAVILHAS e SATUF, 2013, p. 43).

- 3 “un texto compuesto de fragmentos de texto – lo que Barthes denomina *lexias* – y los nexos electrónicos que los conectam entre sí. (...) Los nexos electrónicos unen *lexias* tanto ‘externas’ a una obra, por ejemplo un comentario de ésta por otro autor, o textos paralelos o comparativos, como internas y así crean un texto que el lector experimenta como no lineal o, mejor dicho, como multilineal o multiseccional.” (LANDOW, 1997, p. 15-16)
- 4 “Una de las maneras para aumentar la participación es el relato inmersivo”. (PAVLIK, 2001, p.48)

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Susana. Os bancos de dados como metáfora para o jornalismo digital de terceira geração. In: **VI Lusocom, III Sopcom, II Ibérico**, 2004. Covilhã. Ciências da Comunicação em Congresso na Covilhã. III Sopcom, VI Lusocom, II Ibérico, UBI. Covilhã - Portugal: Universidade da Beira Interior, 2004.

BARBOSA, Susana. **Jornalismo Digital em Base de Dados (JDBD)** - Um paradigma para produtos jornalísticos digitais dinâmicos. 2007. (Tese de Doutorado). PósCOM/UFBA. Disponível em: <<http://migre.me/hkrS4>>. Acesso em 15 jul. 2013.

BARBOSA, Susana. Modelo JDBD e o ciberjornalismo de quarta geração. Paper apresentado no GT 7 - Cibercultura y Tendencias de la Prensa en Internet, do **III Congreso Internacional de Periodismo en la Red**. Foro Web 2.0: Blogs, Wikis, Redes Sociales y e-Participación, Facultad de Periodismo, Universidad Complutense de Madrid, Madri/Espanha, 23 e 24 de Abril de 2008.

BARBOSA, Susana. Jornalismo convergente e continuum multimídia na quinta geração do jornalismo nas redes digitais. In: CANAVILHAS, J. **Notícias e mobilidade: o jornalismo na era dos dispositivos móveis**. Covilhã, PT: Livros LabCom, p. 33-54, 2013. Disponível: <<http://migre.me/hUrFq>>. Acesso em 07 set. 2013.

BARBOSA, Suzana; SEIXAS, Lia. Jornalismo e dispositivos móveis: percepções, usos e tendências. In: S. Barbosa, & L. Mielniczuk (Orgs.). **Jornalismo e tecnologias móveis**. Covilhã: Livros LabCom, 2013.

BRADSHAW, Paul. **A model for the 21st century newsroom: pt1 – the news diamond**. 2007. Disponível: <<http://onlinejournalismblog.com/2007/09/17/a-model-for-the-21st-century-newsroom-pt1-the-news-diamond/>>. Acesso em: 24 abr. 2014.

CABRERA GONZÁLEZ, María Ángeles. Convivencia de la prensa escrita y la prensa on line en su transición hacia el modelo de comunicación

multimídia, **Comunicación**, N.1, Nov. 2000. Disponível: <http://pendientedemigracion.ucm.es/info/emp/Numer_07/7-4-Comu/7-4-01.htm>. Acesso em: 15 dez. 2014.

CANAVILHAS, João (Org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. ISBN 978-989-654-144-6 (pdf). Covilhã: Livros Labcom, 2014. Disponível em: <<http://www.livroslabcom.ubi.pt/book/121>>. Acesso em: 13 dez. 2014.

CANAVILHAS, João; SATUF, Ivan. Jornalismo em transição: do papel para o tablet... ao final da tarde. In: CANAVILHAS, João; FIDALGO, António. **Comunicação digital: 10 anos de investigação**. Coimbra, Editora MinervaCoimbra, 2013.

CANAVILHAS, João. Da remediação à convergência: um olhar sobre os media portugueses. **Brazilian Journalism Research** – v. 8, n. 1, 2012. p. 7-21. Disponível em: <<http://migre.me/hjqO4>> Acesso em: 11 out. 2013.

CANAVILHAS, João. **O novo ecossistema mediático**. BOCC: Biblioteca Online de Ciência da Comunicação, Covilhã, 2010. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-o-novo-ecossistemamediatico.pdf>>. Acesso em: 03 jun. 2012.

CANAVILHAS, João. **Webnotícia: proposta de modelo periodístico para la WWW**. ed. 1, 1 vol., ISBN: 9789728790912. Covilhã: Livros Labcom, 2007. Disponível em: <<http://www.livroslabcom.ubi.pt/book/49>>. Acesso em: 21 jun. 2011.

FONTCUBERTA, Mar. **A notícia** – pistas para compreender o mundo. Lisboa: Editorial Notícias, 1999.

JORGE, Thaís de Mendonça. **Mutação no jornalismo: como a notícia chega à Internet**. Brasília: Editora da UNB, 2013.

LANDOW, George. **Teoría del hipertexto**. Barcelona: Paidós, 1997.

LANDOW, George. **Hipertexto: la convergencia de la teoría crítica contemporánea y la tecnología**. Barcelona: Paidós, 1995.

LARRONDO URETA, Ainara. La metamorfosis del reportaje en el ciberperiodismo: concepto y caracterización de un nuevo modelo narrativo. In: **Comunicación y Sociedad** v. XXII, n. 2, p. 59-88.2009.

LONGHI, Raquel. Audiovisual, conceito em expansão. In: Francisco Ubierna Gómez ; Javier Sierra Sánchez. (Org.). **Miscelânea sobre el entorno audiovisual en 2014**. 1ed.Madrid: Editorial Fragua, v. 1, p. 283-300, 2014.

LONGHI, Raquel. Infografia online: narrativa intermídia. In: **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Ano VI, n. 1. p. 187-196, jan-jun. 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984>>

6924.2009v6n1p187/10423>. Acesso em: 12 mai. 2012.

MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos. **Manual de jornalismo na Internet:** noções básicas, conceitos e um guia sobre as principais publicações jornalísticas digitais no Brasil e no Exterior. Salvador: Facom-Ufba, 1996.

MARTINEZ, Maria Laura; FERREIRA, Sueli. **The “Black’s Wheel”: a technique to develop hypermedia narratives.** 2010 Disponível em: <<http://online.journalism.utexas.edu/2010/papers/MartinezFerreira10.pdf>>. Acesso em: 05 jan 2014.

MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo na Web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual.** (Tese de doutorado). FACOM/UFBA, Salvador, 2003. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6057>> Acesso em: 03 abr. 2012.

MIELNICZUK, Luciana; BACCIN, Alciane; SOUSA, Máira; LEÃO, Callenciane. A reportagem hipermídia em revistas digitais móveis. In: CANAVILHAS, João; SATUF, Ivan (org). **Jornalismo para Dispositivos Móveis:** produção, distribuição e consumo. Covilhã: Livros Labcom, 2015.

PALACIOS, Marcos. Jornalismo Online, informação e memória: apontamentos para debate. **Revista PJ: Br Jornalismo Brasileiro**, São Paulo, n. 4, 2004. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/artigos4_f.htm>. Acesso em: 27 fev. 2012.

PALACIOS, Marcos ; CUNHA, R. E. S. A taticidade em dispositivos móveis: primeiras reflexões e ensaio de tipologias. **Contemporânea.** Salvador, v. 10, n.3, p. 668-685, set-dez 2012.

PAULINO, Rita. Conteúdo digital interativo para *tablets*-ipad: uma forma híbrida de conteúdo digital. In: R. Paulino, & V. Rodrigues (Orgs.) **Jornalismo para tablets: pesquisa e prática.** Florianópolis: Insular, 2013.

PAVLIK, John. News framing and new media: digital tools to re-engage an alienated citizenry. In S. D. Reese, O. H. Gandy and A. E. Grant (Eds.), **Framing public life:** perspectives on media and our understanding of the social world. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, p. 311-321, 2001.

PAVLIK, John. **El periodismo y los nuevos medios de comunicación.** Paidós: Barcelona, 2005.

PAVLIK, John. Ubiquidade: O 7.º princípio do jornalismo na era digital. In: CANAVILHAS, João (Org.). **Webjornalismo:** 7 características que marcam a diferença. Covilhã: Livros Labcom, 2014. p. 159-184. Disponível em: <<http://www.livroslabcom.ubi.pt/book/121>>. Acesso em: 13 dez. 2014.

PRYOR, Larry. The third wave of online journalism. **Online Journalism Review.** 2002. Disponível em: <<http://www.ojr.org/ojr/future/1019174689.php>>. Acesso em: 08 out. 2013.

RYAN, MarieLaure. **La narración como realidad virtual:** la inmersión y la interactividad en la literatura y en los medios electrónicos. Barcelona, Buenos Aires, México: Paidós, 2004.

SALAVERRÍA, Ramón. Multimedialidade: Informar para cinco sentidos. In: CANAVILHAS, João (Org.). **Webjornalismo:** 7 características que marcam a diferença. Covilhã: Livros Labcom, 2014. p.25-52. Disponível em: <<http://www.livroslabcom.ubi.pt/book/121>>. Acesso em: 13 dez. 2014.

SALAVERRÍA, Ramón (Eds.) **Cibermedios:** el impacto de Internet en los medios de comunicación en España. Sevilla: Comunicación Social, Ediciones y Publicaciones, 2005.

ZAMITH, Fernando. **Ciberjornalismo:** as potencialidades da Internet nos sites noticiosos portugueses. Porto: Afrontamento, 2008.

ZAMITH, Fernando. **A contextualização no ciberjornalismo.** Porto: Afrontamento/CETAC.MEDIA. 2013. 201 p.

ZELIZER, Barbie. **Why memory's work on journalism does not reflect journalism's work on memory,** Memory Studies. Los Angeles: Sage Publications, 2008.

João Canavilhas é professor associado na Universidade da Beira Interior (UBI), Covilhã / Portugal. Doutor pela Universidade de Salamanca / Espanha. E-mail: jc@ubi.pt

Alciane Baccin é doutoranda em Comunicação e Informação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bolsista CAPES – Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior - Processo: BEX 8806/14-4, na Universidade da Beira Interior (UBI/Portugal). E-mail: alcianebaccin@gmail.com

RECEBIDO EM: 28/02/2015 | ACEITO EM: 15/04/2015